

NÓS, OS BÁRBAROS

Elio Chaves Flores*

O conhecido historiador freudiano Peter Gay abriu as portas trancadas do nosso agressivo passado do século XIX. A sofisticada pesquisa de 20 anos *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud* passou pela *Educação dos sentidos, A paixão terna* e finaliza com *O Cultivo do Ódio*. (São Paulo, Cia. da Letras, 1995, 673p).

Neste último volume, o autor analisa o caráter ambivalente, destruidor e construtivo dos impulsos da agressão moderna. O mundo capitalista do século XIX acaricia as cicatrizes da humanidade porque, embora ela seja cristianíssima, também é má, “gananciosa, sensual, mentirosa, agressiva”, pernóstica, impenitente, monstruosa, libidinosa, etcetera, etcetera. Uma hipótese bisonha: “o proverbial subalterno humilde que jamais eleva a voz para seus iguais (quanto mais para seus superiores) abusa da mulher ou, com último recurso, chuta o cachorro” (p. 12). Com as experiências burguesas, a polémica se instala, pois os humanos “animais beligerantes que não cultivam seus ódios porque obtêm prazer com o exercício de seus poderes opressivos” (p. 17). Desde tempos distantes, os alibis para o exercício da violência são muitos e, no entanto, a intenção parece ser sempre a mesma: “Seja nação, província ou cidade, seja religião, classe ou cultura — quanto maior o amor por si mesmo, maior o direito de odiar o Outro” (p. 76). E na busca de explicações civilizadas, entre as prisões e o destino, a consciência burguesa em ação retém a compreensão dos prazeres da dor. Somos patologicamente bárbaros e barbaramente patológicos. Com efeito, “como a natureza humana é viciada, como a virtude é desagradável e a bondade não passa de maldade não cometida, os seres humanos necessitam e merecem castigo” (p. 189). Porque, mesmo se as

*Professor de História Moderna da UFPB. Mestre em História Ibero-Americana pela PUC-RS, Doutorando em História pela PUC - São Paulo.

crianças nada tenham feito de mal, um dia elas farão. Tem-se aqui o efeito dominó. Os pobres um dia não roubarão? Os agressivos uma hora não matarão? Os ricos sempre não explorarão?

Quem nos salvará se os deuses foram embora, os reis culpam a física social e o carrasco é alguém da multidão? Corremos então desesperadamente para os demagogos e democratas, para as redefinições do longo parto da cultura política, aplaudimos os césares modernos e ovacionamos a natureza humana da política. É possível fazer duas analogias entre o final do século passado e o final do século presente. Naquele, os pronunciamentos aprovatórios dos césares modernos “e de seus seres publicistas” encontraram eco entre os historiadores vitorianos. Neste, os profissionais mais importantes para a nossa cultura, os jornalistas, falam para um amplo público instruído, pouco instruído e analfabeto, numa clara apologia ao cesarismo jurídico. Na bárbara cultura eleitoral vitoriana dos burgos podres, os políticos compravam os eleitores. Neste final de milênio, somos, sem dúvida, todos democratas. No entanto, a corrupção não desapareceu e “jamais” desaparecerá, muda apenas de direção, os eleitores abonados é que compram os políticos. No Brasil, isto é uma realidade virtual.

Agressão e violência não são exclusividades do mundo masculino. O poderoso sexo frágil sai da domesticidade e vai em busca do tempo de tentativas. Surge uma multidão de mulheres escrevinhadoras com a firme e tenaz competência de redefinir os Adões e Evas contemporâneas. Não resisto em zombar de Tennyson, “o homem para a espada e, para a agulha, ela” (p. 296). Sim, o homem faz jorrar o sangue com a espada, a mulher macera as carnes rotas com agulhadas. Teria ainda atualidade a célebre frase do poeta vitoriano William Ross Wallece: “a mão que balança o berço, é a mão que governa o mundo”? No tempo de hoje, apesar da História Nova, das descontinuidades e do terceiro sexo, o século XIX continua logo ali atrás da porta, e insiste em separar a saia da calça, para não

dizer o clitóris do pênis: as mulheres escrevem diários, os homens narram memórias; as historiadoras fazem história de vida, os historiadores continuam escrevendo biografias.

É possível associar humor, riso e o anedótico à crueldade e à agressão? Peter Gay trabalha um capítulo intitulado “humor mordaz”, em que faz isso brilhantemente. Enquanto material de uma cultura, o humor é um exercício e um controle da agressão. Como a sociedade treina seus filhos para a “harmonia social”, os chistes e as “piadas” representam uma das saídas “para os desejos reprimidos”. Com certeza, o riso só existe na Terra, e ele provém das nossas piores dores e desgraças. Em 1897, Mark Twain já defendia esta mordaz hipótese de que “a fonte secreta do Humor não é a alegria, mas a tristeza. Não há humor no Paraíso” (p. 375). Na variedade de risos dos modernos, os humoristas são os médicos facetários da sociedade e, muitas vezes, se transformam em seus lacaios. No humor mordaz, a vítima é o carrasco do corpo, entidade sempre vulnerável e não poucas vezes violado. Na verdade, o humor, e o riso que ele provoca, controla ansiedades, domina o medo, afasta e diminui de tamanho as catástrofes. É o chiste do cotidiano: “ele ri para não chorar”. Evocando a cabeça de Medusa não se terá apenas morte, crueldade e voluptuosidade? Ora, tudo na vida é sangue, carne, menstrual, vermelho; é sangue luminoso os raios da aurora, é saudade e melancolia o vermelho que vem do poente. Nada é mais certo do que isso na civilizada pós-modernidade: “a vida é cruel, e também o homem, cruel e carnívoro, nove décimos selvagem e um décimo santo — se tanto” (p. 419).

No domínio incerto da vida dos vitorianos e, também das nossas, de equivalentes morais e outros, há ainda que suportar o “império dos fatos”. Os traumatismos acontecimentais que se processaram com as revoluções, e que sacudiram a cultura ocidental eram, na verdade, anseios agressivos cruzadísticos para “dominar o tempo, o espaço e a escassez”. As duras e realistas observações de Maquiavel ainda soavam vibrantes naqueles ouvidos cheios de complacência e ternura na diplomática de “nossos avós culturais”. As nações falavam da

paz e do cosmos e se preparavam para a guerra e o Império. Todos sabiam que “a guerra poderia ser uma babá sanguinária, mas era também o romance da história” (p. 430). Todos sabiam? Pelo menos, nas altas esferas da política e do Estado, os demagogos modernos massageavam o ego das multidões de, por um instante de glória, se imolarem nos panos desfraldados e simbólicos de suas aspirações coletivas. Mais do que a classe, a nação é o Eu e o Nós. Para civilizar as tendências turbulentas dos operários, trabalhadores, arruaceiros e indômitos braçais criou-se, então, o esporte das multidões, da civilidade e da belicosidade consentida. No final do século, recomendava um refinado comitê parlamentar britânico: “se fornecermos bolas de futebol e fizermos com que eles as chutem, não terão tanta vontade de chutar policiais na rua” (p. 432). Ou seja, um pouco de circo para os brutamontes irredutíveis à ordem liberal. Na colossal era da invenção das tradições modernas, assiste-se ao “fim” do homem da renascença, do humanista, do enciclopedista, do pensador, do filósofo, esta carne padecente da filosofia que se torna vã. A partir de então o que vale é a matemática das coisas, o olho clínico, a produção industrial, estoques, caixeiros-viajantes, balcanização da vida, censos demográficos e, viva!, eleitores. O eleitorado, substância e arte da democracia parlamentar aristocrático-burguesa. Na consonância da nova cultura política e do “engatinhamento” da Clio racionalista já havia um certo desconforto de que os fatos eram manipulados, fabricados, inventados ou, amistosamente, domesticados. Disraeli, o estadista britânico, não era ingênuo, pensou apenas alto quando disse que há apenas “três tipos de mentira: mentira, mentira deslavada e estatística” (p. 454). É sintomático que uma afirmação tão contundente tenha saído da boca de um homem do poder.

O longo século XIX, que parece só findar em 1914, é também conhecido como a Era do Vapor, Era do Nacionalismo, Era da Burguesia. Peter Gay sugere ainda: “Era de Conselhos e de Neuroses” (p. 492). Aos ídolos das Eras e aos adoradores de fatos juntaram-se os “sociólogos da ordem” e os “clincadores

dos discursos”. No entanto, para quem não se contenta com aquela história asséptica, é possível colocar “alguma carnalidade nesses ossos sociológicos”. Os apetites eróticos e agressivos foram sendo refinados e sublimados, não apenas entre as classes médias, mas também entre os “involuntários” setores populares. Peter Gay descobre que nos tornamos — nós, os vitorianos — racionalmente patológicos, ou que a razão faz exigências cada vez rigorosas sobre a paixão. Os hábitos da pontualidade, ordem, diligência e determinação seriam elementos descritivos e marcantes do homem moderno e desencantado, um feliz escravo da racionalidade. A vida burguesa é até possível sem estradas de ferro ou sem luz elétrica, mas é inadmissível sem autocontrole. Ora, a mais paradoxal utopia vitoriana era a “liberdade conquistada através da submissão a regra” (p. 506). Todas as regras, um conjunto de regras, algumas regras, uma regra. A regra é a sorridente máscara da normalidade. E, por trás dela, espreita a horrorosa “besta da patologia”, a deusa-humanidade. No entanto, para que ela seja “regrada” se produz as insondáveis “catástrofes pedagógicas e morais”. As neuroses, as obsessões, as ansiedades, as histerias, as paranóias são “doenças” de um tempo em que os médicos não são médicos e os doutores não são doutores. Resgata-se aqui, sofredamente, Freud - uma vida para nosso tempo, o tempo do divã e das patologias. “Embora os pacientes no divã de Freud fossem vítimas sobretudo de si mesmos e de suas famílias”, afirma Peter Gay, “seus sintomas tinham pungentes ressonâncias com o tempo — e com a classe — a que pertenciam e que tornavam sua vida erótica e agressiva difíceis de suportar” (p. 509). Onde se encontra o Id, ali está espreitando o Ego. A crítica cultural de Freud traz em si, o anseio da historicidade porque, para ele, o homem é um animal diuturnamente assediado por desejos e proibições, agressão e sexualidade. E a psicanálise, segundo Peter Gay — por que não psicomemória e psichistória? — é de particular relevância, não apenas como método de investigação, mas sobretudo como sinal dos tempos burgueses. Com efeito,

se “o capitalismo é a racionalidade em ação, então pior para o capitalismo — e para a racionalidade” (p. 513).

Há um **Epílogo** e um **Apêndice** no livro de Peter Gay. O primeiro é o 14 de agosto de 1914, quando as tropas alemãs invadiram a Bélgica, anularam a neutralidade e esboçou-se a guerra total. 1914 demonstrou algo mais que o cotidiano de burgueses e operários dos tempos modernos. A humanidade do homem compõe-se de múltiplos papéis. Na verdade, “um homem é — ao mesmo tempo — trabalhador, católico romano, francês, ‘bom’ marido e pai, colecionador de selos, torcedor de futebol do time local” (p. 519). Entretanto, na batalha das lealdades, o nacionalismo domina todas as outras porque carrega consigo o grau de racionalidade histórica que se produz na “épica seqüência dos acontecimentos” nacionais. Se agosto de 1914 é o epílogo do século XIX, também é o epigrama do nosso apoteótico século XX que Hobsbawm designou muito bem como a **Era dos Extremos**. Redescobrimos em nós mesmos antigas verdades dilacerantes: as mesmas pessoas que amam são, também, as mesmas pessoas que odeiam. O chauvinismo globalizado é tanto alimentado pela fúria quanto pela complascência exploratória contra os novos bárbaros. Ou seja, odeia-se os pobres e os marginais, mas se tem profunda compaixão pela pobreza e pela marginalidade. No apêndice, o autor reconhece que o pensamento de Freud ajudou na escritura de **O Cultivo do Ódio**. Ambos são tributários da visão antropológica do homem como um animal social. Eros e Tanatos — os poetas já sabiam disso — são duas forças titânicas que se digladiam no emaranhado das forças construtivas da vida e dos impulsos subversivos da morte. Nesta percepção, a agressão “é a voz pública do impulso de morte, ele próprio remoto e silencioso” (p. 532). Tanto pior para o capitalismo, um vez que o fático sobrepõe-se ao falido e a Erótica precede as forças curativas do mercado. A necessidade do cultivo do ódio torna-se muito mais um esforço cultural, social e político de destruir para poder construir. Talvez a nossa época não seja tão diferente daquela do romancista inglês que, em 1833, dizia que

sua época era de destruição: “por mais que queiramos disfarçar, é assim que ela deve ser caracterizada; nosso destino seria medonho se ela não fosse também uma época de preparação para a reconstrução” (p. 536). Portanto, os séculos que nos ludibriaram, reduzindo a nossa dor e aumentando o nosso prazer, só o fizeram na “nebulosa terra da fantasia”. Mas, sejamos sinceros para com o nosso tempo; sejamos tolerantes para com o tempo dos vitorianos: quem suportaria por poucas horas apenas o “sólido terreno da realidade”?